

RAIMON SAMSÓ
o pintor de emoções



Ediouro

Romance finalista do
1º prêmio New-Age da Espanha

o pintor de emoções

RAIMON SAMSÓ

o pintor de emoções

Tradução e adaptação

Sonia Belloto



Ediouro

Título original: *Dos almas gemelas*

© 2006 by Raimon Samsó

© 2006 by Ediciones Obelisco, S.L.

Direitos de tradução cedidos à Ediouro Publicações Ltda., 2009

Editora: Cristina Fernandes

Assistente editorial: Marcus Assunção

Coordenadora de produção: Adriane Gozzo

Assistente de produção: Juliana Campo

Preparação de textos: Fábio Maximiliano Alberti

Revisão: Carol Wilbert e Regina Barbosa

Editora de arte: Ana Dobón

Editoração eletrônica: Linea Editora Ltda.

Capa: A2

Imagem de capa: Getty Images

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Samsó, Raimon

Opintor de emoções / Raimon Samsó ; tradução e adaptação de
Sonia Belloto. — São Paulo : Ediouro, 2009.

Título original: *Dos almas gemelas*.

ISBN 978-85-00-02389-7

1. Romance espanhol I. Belloto, Sonia. II. Título.

08-11048

CDD-863.64

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura espanhola 863.64

Rua Nova Jerusalém, 345 – Bonsucesso

Rio de Janeiro – RJ – CEP 21042-235

Tel.: (21) 3882-8200 Fax: (21) 3882-8212 / 3882-8313

www.ediouro.com.br

A todas as pessoas que de algum
modo fazem parte da minha vida.
Minha infinita gratidão pelo grande
deleite de sua presença.

As mais incríveis casualidades se sucederam
para que se encontrassem e se reconhecessem,
dando fim a uma grande espera.

1

O álcool e a soda do meu uísque encharcaram o quadro, fazendo a pintura da tela escorrer tecido abaixo. Aquele trabalho me parecia péssimo, e eu custava a acreditar que o tivesse pintado. Enfurecido, estilhacei o copo contra a pintura recém-terminada, para depois observar como aquele gesto de rendição o desordenava.

Dentro de mim, um abandono parecido me precipitava a um abismo, onde eu também me dissolvia, me apagava e me quebrava em pedaços. Meus últimos trabalhos eram uma caricatura do que um dia pinteí. E, como consequência, minhas vendas haviam caído de modo alarmante.

Embora eu já estivesse acostumado a tal situação nos últimos tempos, não atravessava um período de escassez de ideias, mas o da consumação de uma terrível apatia que oxidava meus dedos e meus pincéis, até fazê-los ranger sobre a tela, borrando-a de desacertos.

Era uma falta de interesse que impregnava tudo o que eu fazia, resumindo a angústia de representar um mundo tão imperfeito aos meus olhos. E eu pintava um universo desesperançado e vazio de emoção, porque meu coração desabitado transbordava a solidão dos ecos.

Caminhei até a sacada do meu estúdio para respirar o ar da noite. Fechei os olhos, tentando acalmar a agitação dos meus pensamentos, e então esperei alguns instantes, até que minha alma pudesse me alcançar.

As sacadas com grades antigas de Barcelona são como estantes de uma biblioteca obsoleta, repletas de

vidas descatalogadas e consumidas. E era assim que eu me sentia.

Durante o dia a rua é um museu de ruídos, com pratos batendo, crianças chorando, anciões recordando, de coisas simples e sonoras. Isso durante um dia qualquer.

Mas aquela última noite do ano estava plena de desolação, e de um vazio muito difícil de suportar. Tremi, enrijecido pelo frio e pelo desamparo do segundo final de ano sozinho em casa, depois da morte da minha esposa Clara.

Da praça Real eu ouvia a voz das pessoas, suas exclamações de alegria e até a desdenhosa afonia, que depois de se derramar sobre a calçada, diante da fachada do edifício centenário, alcançava minha sacada para finalmente me golpear o rosto. O mundo celebrava um ano novo que somava vida às suas vidas. E eu amaldiçoava o novo ano que sobrava na minha.

2

Há dois anos, Clara e eu visitamos o Quênia. Ela desejava tanto retratar o entardecer da savana africana que acabei cedendo, como sempre fazia. Clara era fotógrafa. E eu a amei como nunca amei ninguém antes em minha vida, desde a primeira vez em que nossos olhares se cruzaram. E por isso eu sempre cedia.

Poucos dias depois de chegarmos a Samburu, um distrito da província do vale do Rift, após uma excursão cansativa, Clara teve uma febre fulminante. Um parasito invadiu o organismo dela e o envenenou. A febre, os calafrios, as náuseas vertiginosas, os vômitos e as cefaleias não a abandonaram até seu fim. A quinina não adiantou, e os médicos não puderam salvá-la.

Minha vida submergiu em um naufrágio terra adentro, e praguejei contra o céu por me dar Clara, e por tirá-la depois.

Como era possível que um bichinho tão insignificante, de um pequeno matagal, às margens de um ribeiro, pudesse ter acabado com a vida de Clara e com um amor tão grande como o nosso?

Desde aquele momento, tudo em minha vida tem sido um desatino. Converso com ela, e quero acreditar que Clara me escuta e me entende.

Às vezes nos falamos em minha imaginação sobre assuntos aparentemente sem importância.

— Quem cuida da roseira? — escuto a voz de Clara, como um palpite dentro de mim.

— Que roseira? — pergunto.

— A que desponta pela sacada.

— Ali já não cresce nada. As rosas murcharam, e as roseiras se desfizeram.

— Pois eu senti o perfume das rosas. E até me feri em uma de suas hastes, quando passei por elas.

— Não pode ser, Clara! Será que é porque você está...
— eu ia dizer morta, mas me calei, e parei de falar sozinho.

E então, por toda a noite, até o começo da madrugada, eu ficava sonolento, alternando o descanso da sua alma e o da minha consciência, até pedir a Clara que dormisse também. Aos poucos eu caía entorpecido, dominado pelo sono. Às vezes era capaz de ouvi-la em meus sonhos, ou mesmo em minhas horas de vigília.

3

Naquela primeira manhã do ano, logo cedo, resolvi ir à cafeteria. As ruas se assemelhavam às mesas de um banquete de véspera, inundadas pelo silêncio e pelos primeiros raios de sol.

Aos meus pés, um amontoado de confete e serpentina, garrafas vazias e restos de risadas soltas, derramadas aqui e ali. Uma desordem parecida com a que reinava no meu estúdio, e em minha vida, depois de Clara.

Antes de sair de casa liguei o notebook e abri minha caixa de entrada, onde encontrei uma única mensagem do meu amigo Javier. Eu a imprimi e guardei no bolso do meu casaco para ler de pé, no balcão, enquanto molhava um *croissant* no café com leite.

Javier me enviava notícias de sua viagem a Barcelona. Ele viria de Los Angeles, via Londres. Ia expor, durante dois meses, uma retrospectiva de suas pinturas no Macba, o Museu d'Art Contemporani, em Barcelona, na Espanha, onde eu morava. Em seguida viajaria para Paris, Berlim e Copenhague. E em seis meses, ao final da mostra itinerante, voltaria a Los Angeles, onde vive e trabalha há alguns anos.

Javier é uma dessas pessoas cuja amizade cresce com o tempo. Sem importar quanto tempo desde a última vez, sempre que nos encontramos é como se tivéssemos conversado na véspera. E falamos sobre tudo, exceto de suas emoções. Não que ele não as tenha, mas parece não ter vontade de revelar-se. Javier é bastante reservado, e

eu o aceito, mesmo sabendo que debaixo de um aparente desafeto pulsa um coração sensível.

Anos atrás estudamos arte e expressão plástica juntos. E depois de nos formarmos ele seguiu com a pintura abstrata, e eu com um hiper-realismo onírico como o de Dalí.

Algumas semanas após me enviar o e-mail, Javier me telefonou e foi logo dizendo:

— Olá, Victor! Que horas são em Barcelona? Espero não ter acordado você.

— Javier! — Surpreendi-me com a ligação àquela hora. — Aqui é meia-noite. Mas não se preocupe, meu amigo, porque eu ainda não havia começado a contar ovelhas! Nem sequer estava deitado. Mas, me diga, quando você chega? — perguntei, apressadamente.

— Dia vinte, às nove horas da manhã — ele respondeu e acrescentou: — Mas ainda vou confirmar o número do voo.

Enquanto eu anotava a data em um bloco, Javier confessou:

— Victor, você não imagina como estou feliz por voltar à velha Europa!

— Ótimo — completei. — Agora você parece viver uma segunda juventude.

Ele deu uma risada marota, bem típica, e eu sugeri:

— Javier, não reserve hotel, porque você ficará aqui em casa. E vou buscá-lo no aeroporto. Será muito bom vê-lo novamente e ter a sua companhia.

No entanto, para o meu espanto, Javier me fez uma proposta:

— Victor, estive pensando e acho que você deve fazer uma espécie de meio ano sabático.

Como permaneci em silêncio, ele continuou:

— Gostaria de lhe oferecer meu estúdio aqui em Santa Monica, para que você desfrute dele enquanto eu estiver ausente.

E, sem esperar uma resposta minha, ele seguiu falando:

— Você precisa se reencontrar com sua pintura, afastar-se de Barcelona e, principalmente, das recordações. Seus últimos e-mails resumem melancolia, e você não pode viver desse modo, tão atormentado.

— Javier, muito obrigado — repliquei. — Mas este é o meu lugar. E, qualquer coisa que eu tenha de fazer, farei aqui. Não será fugindo que vou melhorar. E também não acredito que uma pernada de dez mil quilômetros consiga deixar para trás minhas recordações.

— Está decidido — Javier anunciou, ignorando minha opinião. — Você virá para cá, e eu irei para a sua casa. Los Angeles irá encantá-lo, porque é uma cidade cheia de energia, ideias e criatividade.

Apesar de eu tentar interrompê-lo, Javier falava sem me dar nenhuma chance:

— No meu estúdio você terá todo o material de que precisa. E o sol da Califórnia mudará o seu estado de ânimo. Fará novos amigos e conhecerá o meu agente artístico, Jeff, alguém muito especial.

— Javier... — tentei mais uma vez, sem sucesso.

— Ah! Deixarei as chaves do estúdio e também as do meu velho conversível com meu vizinho Sam. De acordo?

— Javier, espere um pouco...

— Tchau, Victor! — foi tudo o que ele falou antes de desligar o telefone, sem que eu pudesse contestá-lo.

Àquela hora, através da janela, eu podia ver como Barcelona dormia. E, enquanto aqui nos deitávamos, na Costa Oeste o dia começava.

*Se o meu trabalho pôde alegrar outro ser humano,
como um dia deixei de pintar?*

Após sofrer grande decepção com a morte repentina da esposa Clara, o renomado pintor espanhol Victor Bruguera se vê diante de um vazio que quase o leva à loucura. Na tentativa de ajudá-lo, seu amigo de profissão, Javier, o surpreende com uma inesperada proposta: passar um período sabático em seu estúdio de Los Angeles para se afastar das lembranças de Clara e recomeçar a vida. Assim, Victor parte para os Estados Unidos, onde vai conhecer pessoas admiráveis, especialmente Jodie, que o faz encarar a vida sob uma perspectiva que jamais havia imaginado. Seria ela sua alma gêmea? Obstinado, saberá Victor dizer se, quando as almas gêmeas se encontram, permanecem juntas para sempre?

ISBN 978-85-0002-389-7



9 788500 023897



Ediouro